
Memória pública e ativismo: histórias de luta do Ocupe Estelita (Recife, Brasil) e do Renovar a Mouraria (Lisboa, Portugal)*

Regina Helena Alves da Silva**
Andréa Casa Nova Maia***

Introdução¹

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável

* Este artigo é um dos produtos resultantes das pesquisas de pós-doutoramento que as autoras estão desenvolvendo nos programas de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Prof.ª Regina Helena Alves da Silva – e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Prof.ª Andréa Casa Nova Maia –, ao longo do ano de 2017.

** Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pós-doutorado em andamento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordena o CCNM (Centro de Convergência de Novas Mídias). E-mail: regina.helena@gmail.com.

*** Doutora em História Social da Cultura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado em andamento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordena o IMAM (Laboratório de Imagem, Memória, Arte e Metrôpole), grupo de pesquisa do CNPq. E-mail: andreacn.bh@gmail.com.

1 Agradecemos aos bolsistas de do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIBIC-UFRJ) Camila Figueiredo e Fábio Jorge D. Lima Filho, orientados por Andréa Casa Nova Maia, pela colaboração no levantamento de fontes audiovisuais para este artigo.

a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

(Nora, 1993, p. 9)

[...] porque os acontecimentos [...] são acontecimentos temporais-temporários. São acontecimentos, e devem seguir sendo acontecimentos, a saber, efêmeros.

(Virilio; Lotringer, 2003, p. 49)

As epígrafes acima criam relação imediata entre memória, história e tempo. Como reter o efêmero e garantir o movimento da memória? E no contemporâneo, no qual os sujeitos experienciam o paradoxo de um tempo em que, por um lado, a própria ideia de memória ameaça tornar-se obsoleta, enquanto, por outro, há uma proliferação inédita de espaços para armazenamento de memória (Huysen, 1996) e um “dever” de arquivamento e de criação de novos “lugares de memória” (Nora, 1993)?

Tais questões, relevantes para os teóricos da história do tempo presente, também estão na pauta de discussões de movimentos sociais urbanos mais ou menos institucionalizados, que vêm, cada vez mais, se valendo das novas mídias no arquivamento de suas lutas pelo direito à cidade. Os novos ativismos já perceberam o poder da memória e das narrativas audiovisuais como plataforma de disputa política e de resistência aos processos de destruição de lugares e culturas, projetos estes forjados pela lógica do capitalismo global excludente. Este artigo procura problematizar a cidade contemporânea, dialogando com a memória de dois movimentos relacionados à promoção da revitalização de espaços em duas metrópoles: Recife e Lisboa.

Renovar a Mouraria, em Lisboa, e Ocupe Estelita, em Recife, são dois grupos que destacam em sua organização a necessidade da construção de uma memória coletiva e afetiva dos lugares onde atuam. Não uma memória de bairros, ou uma memória de um lugar da cidade, mas uma memória coletiva, da imensa diversidade que compõe seus territórios de atuação. O movimento Renovar a Mouraria tem como base a diversidade étnica e cultural do bairro onde vivem centenas de imigrantes de todas as partes de mundo. O Ocupe Estelita é composto por habitantes da cidade inteira, que buscam preservar a diversidade socioeconômica e cultural do espaço do cais antigo de Recife. São

propostas organizativas que respondem de diferentes maneiras a um mesmo conflito: as formas atuais de fazer a cidade e, principalmente, os impactos dessas formas de fazer em bairros históricos.

Nos últimos anos do século XX, presenciamos a “descoberta” do espaço público como cenário para medidas urbanísticas de revitalização, tendo por modelo a cidade de Barcelona, e, por objetivo, fortalecer a atratividade das áreas centrais em contraposição às áreas de expansão dispersa, buscando desta maneira um destaque na competição mundial entre cidades. Atores hegemônicos nas cidades passaram a desenvolver projetos em que, a exemplo das ideias do fenômeno urbano, referenciadas no chamado planejamento urbano estratégico, ocorre a aproximação governo-negócio (Compans, 2004), em que vigoram novos padrões de competitividade internacional por investimentos, adequando paisagens urbanas, sintetizando seus significados e espetacularizando imagens numa cultura visual *kitsch*, naquilo que Harvey (1994, p. 92) sintetiza: “[...] dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas (do tipo certo) num período (que começou em 1973) de competição interurbana e de empreedimentismo intensificados”.

Na atualidade, esse fenômeno parece ser retomado por lógicas com novas imbricações geográficas a partir das experiências internacionais, sobretudo as vendidas como bem-sucedidas, como os emblemáticos casos das renovações dos *waterfronts* de Maremagnum, em Barcelona; do Guggenheim Bilbao, em Bilbao; das Docklands, de Londres; do Kop Van Zuid, em Roterdã; do Píer 39, em São Francisco; do Harborplace, de Baltimore; do South Street Seaport, de Nova York; e do Boulevard Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, só pra citar alguns exemplos que têm se repetido em outros contextos geográficos, se ajustando aos espaços locais – uns mais, outros menos excludentes – e suas identidades culturais. Em várias cidades foram criados programas para um redesenho sistemático de espaços públicos selecionados – praças, ruas, parques e, ainda, projetos envolvendo edificações culturais, políticas e administrativas.

Como os espaços públicos urbanos estampam não somente os efeitos de políticas a que estão afeitos, mas principalmente os efeitos das mais diversas práticas sociais que usam ruas, praças e inúmeros outros logradouros como suporte de suas ações, o seu estudo e a sua análise passam a ser fundamentais para a pesquisa urbana. Esta outra dimensão – a espacialização da cultura – muitas vezes é ignorada pela política urbana, revelando uma cegueira que

condena inúmeras práticas à invisibilidade, ou à expulsão daqueles locais. Como consequência teórica dessa polifacetada ampliação da análise sobre o espaço urbano, verificou-se a tendência a conceituar as cidades como processos complexos de articulação das culturas e múltiplas espacialidades. Além disso, conseguimos verificar brechas e processos de resistência dos que permanecem fora do jogo do capital, demonstrando a complexidade do que é pensar a urbe contemporânea. A cidade é mais do que um conceito de análise, pois aparece como uma categoria da prática social e cultural.

Entender como os sujeitos se apropriam do espaço, engendrando ações que ressaltam o que há de *público* no espaço urbano, e como criam memórias sobre tais práticas, passa, na contemporaneidade, pela análise dos ativismos em suas especificidades e semelhanças.

A intensa urbanização do mundo impacta fortemente as relações socio-políticas e transforma os modos de vida dos habitantes das cidades, gerando uma nova lógica de ação política. Para Sassen (2016, p. 66, tradução livre), a cidade é estratégica para a valorização de novas formas do capital das grandes corporações, mas também “um espaço de voz e visibilidade para a cada vez mais numerosa massa de pobres que a habitam, assim como para todos os outros”. Segundo a autora, a internet possibilita que movimentos locais se conectem globalmente. Iniciativas locais são transformadas em redes globais por ativismos que circulam não só informações, mas também trabalhos e estratégias.

Delgado (2013) aponta para o aumento e a intensificação dos conflitos associados às reordenações urbanas e de novas formas de enfrentamento e denúncia das condições socioeconômicas impostas pelas transformações das cidades. Essas reivindicações são muitas vezes de memórias espaciais ameaçadas por novas lógicas culturais impostas por intervenções e expansões na e da cidade por sobre as formas de viver e morar.

Alguns dos novos movimentos urbanos procuram expor a superficialidade das práticas culturais atuais associadas ao marketing urbano fruto das intervenções das novas formas do capital sobre o espaço urbano. Propõem ações políticas de videoativismo como forma de dar visibilidade às suas denúncias e reivindicações, em um remix de materiais audiovisuais recorrendo às novas tecnologias e à internet como ferramentas sociais.

Concentramo-nos em canais do YouTube, disponibilizados pelos grupos Ocupe Estelita e Renovar a Mouraria como forma de organização de seus arquivos de memória. Os vídeos escolhidos são diretamente ligados às ações

de discussão sobre a constituição dos territórios-lugares que se configuram como espaços de resistência e luta pela cidade.

Recortamos trechos de depoimentos dos próprios ativistas na tentativa de demonstrar o caráter de criação de uma memória pública nas redes, problematizando o espaço virtual como novo lugar de arquivamento das ações desses ativistas, e como rica fonte para o trabalho do historiador. Os vídeos – lugares de memória, arquivos em movimento da memória das comunidades – são produzidos pelos próprios ativistas, e as entrevistas realizadas se pautam por um roteiro de documentação que passa pelos projetos de divulgação dos conflitos e ações coletivas. Ocupa-se a rua, o real, mas também a rede, o virtual. E as ocupações constituem-se como ferramenta de preservação do patrimônio e da cultura. Esse é o argumento central sobre o qual este artigo pretende se debruçar, revelando alguns aspectos da relação entre memória e ativismo na contemporaneidade.

Ativismo social na metrópole – ou “Ocupar é preciso!”

Ao longo da história, ocorreram inúmeras demonstrações de que era preciso ocupar as ruas para garantir a mudança social. E o ativismo contemporâneo é inspirado por diferentes tradições de mobilização, assumindo expressões distintas, seja quando pensamos nas lutas por direitos dos operários, desde a Revolução Industrial, chegando até o presente, em que o ciberativismo e o uso da internet e das novas tecnologias de informação vêm vêm fortalecendo o debate e sendo instrumento de mobilizações, como pudemos observar pelas recentes “primaveras” no Egito, Portugal, Espanha, Grécia, Chile, Tunísia, Síria, Ucrânia e Palestina, explicitados pelo fenômeno do Occupy Wall Street, Occupy Gezi Parki, em Istambul, e as Jornadas de Junho de 2013, no Brasil.

Pensando o futuro das cidades, os ativismos, por suas características fluidas, podem parecer ineficientes ou insuficientes para barrar os processos de remoção, gentrificação e mesmo total destruição de moradias das classes populares. Todavia, eles constituem ainda a principal trincheira de luta e, em alguns momentos – como nos casos do Ocupe Estelita e do Renovar a Mouraria, que serão abaixo analisados – ainda conseguem dificultar ou mesmo barrar os processos de intervenção e especulação imobiliária, através de ações e mobilizações que vão além do espaço físico. E, nas redes, a voz desses movimentos se faz ouvir além-mar.

Ocupe Estelita e Renovar a Mouraria – ou “Viver também é preciso!”

O movimento Ocupe Estelita nasceu em Recife, no ano de 2012, em torno de uma demanda nova, iminente: a urgência de se preservar a cidade que se quer para o futuro. A luta não foi nem é só pelo direito à moradia, mas pelo direito à memória que se quer ter dos lugares da cidade, pela preservação da memória do sentido que o Cais José Estelita tem para a cidade do Recife. Uma luta para impedir que o projeto Novo Recife avance, transformando a orla da cidade num complexo imobiliário, hoteleiro e comercial. A essa luta se agregam outras, pela preservação da área central, da orla e do cais antigo da cidade, congregando as comunidades faveladas da região e seus movimentos de resistência à desocupação. Em seu manifesto de criação, o movimento se apresenta da seguinte maneira:

Lutamos há três anos contra um modelo de desenvolvimento urbano guiado apenas por interesses econômicos, que destrói a identidade de nossa cidade e promove uma ideia ultrapassada de progresso e modernização. Vários grupos, coletivos e movimentos sociais estão juntos na luta pelo nosso Recife. Unid@s, nos erguemos contra o urbanismo segregador e suas conseqüências hostis para a cidade. Desejamos uma cidade mais inclusiva, que respeite pedestres, ciclistas, usuári@s de transporte público, ambulantes, pessoas sem-teto, quem sofreu remoção pela Copa 2014, morador@s de áreas de baixa renda, homens, mulheres, crianças, adolescentes, as minorias LGBT e outras minorias estigmatizadas na sociedade. Desejamos uma cidade que preserve o meio-ambiente, os recursos naturais, a cultura, a história, a memória e as identidades. O Projeto Novo Recife (NR) surge como a antítese de tudo isso. É o símbolo de um modelo de cidade excludente, segregadora e não-participativa.[...] Conseguimos muitos avanços e apesar da opressão do poder econômico, permanecemos firmes na defesas dos nossos ideais. Mas acreditamos que ainda podemos ir além nessa luta pela garantia do nosso direito à cidade. Junt@s, vamos garantir a construção de uma cidade humana, com um plano de desenvolvimento que represente as pessoas que nela vivem. Junt@s, vamos resistir! **NÓS SOMOS A CIDADE!!**²

2 Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

O movimento promoveu a ocupação do antigo Pátio das Cinco Pontas (Cais José Estelita), conformando um outro tipo de ação em que a cidade é chamada a lutar por sua imagem. Em diálogo com a prefeitura e câmara de vereadores, conseguiu que o cais fosse considerado de valor cultural pelo IPHAN, tendo sua inscrição na lista de Patrimônio Cultural Ferroviário.

Em sites, blogs, nas redes sociais e no YouTube toda uma história de resistência está documentada pelo próprio movimento. A memória das lutas será problematizada aqui, onde procuraremos destacar trechos de depoimentos com histórias de vida e questionamentos que a própria comunidade construiu, utilizando o potencial da ferramenta audiovisual. Antes, porém, apresentaremos outro ativismo relativo também a processos de resistência à gentrificação em uma paisagem urbana: o Renovar a Mouraria, de Lisboa, que também constrói memórias e ações através das redes sociais na internet.

A Associação Renovar a Mouraria (ARM) foi criada em 2008, em Lisboa, como uma ação comunitária para a revitalização do bairro da Mouraria. Ao longo dos anos, ela tem desenvolvido atividades que buscam, nas tradições locais, produzir ações de desenvolvimento local, propondo melhorias efetivas das condições de vida dos habitantes do bairro. São desenvolvidas ações de revitalização urbana, social, cultural e turística, com mecanismos de participação popular, a partir de proposições coletivas, discussões, avaliações e escolhas de quais projetos serão implementados pela associação. A relação com os órgãos locais de governança só se dá a partir das decisões da comunidade e não em formatos participativos definidos pelo Estado. Assim, a autarquia só foi procurada depois que um plano de ação local foi feito pelos moradores. As atividades da associação para mobilização da comunidade são artísticas, culturais e de lazer, nas suas mais diversas manifestações e atividades formativas dirigidas à população, incluindo ações de acolhimento da população imigrante, com base no princípio da integração intercultural e da diversidade étnica.

Outras ações importantes se dão na área de formação, com a oferta de serviços educativos e apoio à formação para o uso das tecnologias da informação. Foi criada uma área de promoção da cultura, de inclusão social e de prevenção da violência, porque a região tem forte ocupação pelo tráfico e prostituição. Além disso, a associação aposta em direitos sociais, com ações de promoção da igualdade de gênero e da conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal de homens e mulheres.

O plano de ação da ARM assenta na inclusão, na convivência intergeracional, na abertura do bairro a novos públicos e na revitalização das tradições de cariz popular como o Fado e os Santos Populares enquanto linguagem transversal a todo o bairro. Neste âmbito desenvolveu iniciativas como a implementação da Rota das Tasquinhas e Restaurantes, o lançamento do jornal local *Rosa Maria* e um trabalho regular na área do Fado [...].³

O Renovar a Mouraria enfrenta o desafio de integrar 52 nacionalidades que habitam o bairro. Para isso propõe uma série de atividades a partir de programas de interação entre as várias culturas locais. Esse ponto fundamental da associação faz com que sua ação política extrapole a questão urbana e amplie a atuação para o apoio à campanha europeia em favor dos refugiados. Também integra, como lugar-piloto, o Identidades Híbridas, projeto europeu sobre as novas relações que se estabelecem nos bairros das cidades e sobre como essas relações, através da interculturalidade, contribuem para a criação de formas identitárias.

Ao desafio de lidar com tamanha diversidade somam-se os embates pela revitalização do bairro. O nº 3 do jornal *Rosa Maria*, veiculado pela associação, expõe toda a dificuldade dos processos de recuperar os casarões degradados, e das ações da prefeitura para revitalizar os espaços públicos, esperando que os donos de edificações façam obras em suas propriedades. São questões muito complexas em um bairro que ficou muito tempo sem atuação do poder público e da comunidade e foi se degradando rapidamente.

O que une esses dois movimentos aqui analisados são as formas de luta pelo direito à cidade, no sentido proposto por David Harvey (2014) para explicar os chamados “novos movimentos”, nos quais o que une a diversidade de pessoas que se manifestam, tanto nas ruas como nas redes em torno desses territórios, não é o interesse de uma classe ou de um grupo específico.

No sentido de Porto-Gonçalves (2001), nesses dois lugares, novos sujeitos se insinuam instituindo novas territorialidades. Para esse autor, movimentos sociais se configuram quando seus integrantes rompem a inércia e mudam de lugar – saem de lugares sociais em que estavam historicamente e buscam novas formas de expressão, o que produz implicações na ordem política. As chamadas práticas espaciais insurgentes são, nesses dois movimentos, ações de ocupação de lugares, atividades que congregam pessoas de todos os

3 Disponível em: < <https://www.facebook.com/renovar.a.mouraria/> >. Acesso em: 28 jul. 2017.

grupos e espaços da cidade, projetos coletivos criados em compartilhamentos de experiências e especialidades, sendo esses projetos levados ao poder público para que se discuta quais as parcerias que podem ser desenvolvidas.

A memória nas redes: novas mídias e história oral urbana e pública

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de práticas transformadoras.

(Castells, 2013, p. 20)

O YouTube e seus vídeos têm relação com o que Debord (1997) apresenta como uma relação social mediada por imagens. Relações que conformam comunidades digitais em que usuários produzem e consomem vídeos e têm tratado os canais do YouTube como um espaço-arquivo de documentação. Os canais, além de serem repositórios, constroem histórias e, na discussão que apresentamos, filmam e registram a paisagem e as ações dos ativismos. Na internet,

[...] o YouTube começa a posicionar-se como o *único* receptor de material audiovisual gerado por milhões de usuários, motivo pelo qual esses usuários – de forma inconsciente – constroem, segundo a segundo, um arquivo de características monumentais, comparável em volume à Antiga Biblioteca de Alexandria, mas com uma diferença substancial: a participação colaborativa. (De Cicco, 2008, p. 32, tradução livre, grifo no original).

Devemos olhar para os registros audiovisuais como documentos históricos, que criam memória de movimentos fluidos na cidade contemporânea. De Cicco indica o YouTube, no formato que se consolidou atualmente, como sendo “o arquivo audiovisual da memória coletiva”. Uma memória que, além de coletiva, é constituída por prossumidores que aliam imagens e áudios

como forma de produção e consumo das informações que compõem cada canal e a plataforma de disponibilização das produções.

Percebemos nos canais dos movimentos aqui discutidos uma história oral em pílulas. Fragmentos de experiências de vida urbana e de resistência identitária. Algo que estes ativistas têm em comum é a busca pelo registro memorialístico de suas práticas nas redes sociais da *world wide web*. Suas ações estão documentadas em memórias midiáticas. São espaços de memória e preservação. Tomaremos aqui a memória disponibilizada em vídeos como um desafio metodológico para o trabalho do historiador. O processo de recuperação de memórias não oficiais disponibilizadas na internet nos aproxima das dinâmicas de pesquisa da história oral, no sentido de tomarmos como referência fontes alternativas às oficiais e, nesse caso, buscar arquivos conformados digitalmente pela ação pública dos afetados pelos acontecimentos. A história oral gravada e publicada na rede também é um espaço novo de ancoragem para os navios da história.

No mar de memória que é o mundo virtual, abre-se um novo espaço de disputa e desenvolvimento da história pública, locus privilegiado de armazenamento do trabalho de memória realizado pelos próprios sujeitos históricos envolvidos nos movimentos. Jelin (2002) chama os militantes desses movimentos de “empreendedores da memória”, aqueles que se envolvem pessoalmente em um projeto de caráter social e comprometem outros gerando participação. Para a autora, eles diferem dos “militantes pela memória”, no sentido de que são geradores de projetos, novas ideias, novas criatividadees.

São narrativas públicas estão aí para qualquer um ver, ouvir e conhecer, promovendo debates e possibilitando análises de trajetórias políticas no devir urbano. Disputam a memória e a dividem, defrontando patrimônio x cidade nova, do progresso, dos arranha-céus. Explicitam o conflito e apontam para o que já havia sido problematizado por Pollak (1989) e Portelli (1996), no sentido de que, na verdade, “estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas” (Portelli, 1996, p. 107).

Propomo-nos a analisar essas narrativas políticas e trajetórias de vida a partir da escolha de falas que evidenciam a disputa pela cidade e a imensa diversidade dos lugares de fala que compõem os dois movimentos. Nosso percurso metodológico nos canais do YouTube procurou apontar para as formas como os movimentos procuraram organizar as relações estabelecidas nesses espaços, buscando dinamizar os processos audiovisuais como um

percurso em que tecem diálogos e compartilham ideias e conhecimentos, criando assim um produto que apresentam como algo seu e como um processo pedagógico de luta pela cidade. Para isso, usamos como recorte as falas que apresentam os movimentos e seus objetivos para além da questão local.

No vídeo *Recife, cidade roubada*, com duração de 13 minutos e 38 segundos, do canal Ocupe Estelita, do YouTube, publicado em 18 de novembro de 2014, recortamos uma voz anônima que fala de distinções sociais e critica o poder público em associação com os interesses do capital – no caso específico, o mercado imobiliário. A fala traz à tona as diferenças de classe, aponta a consciência de que é preciso lutar por moradia e habitação, e demonstra como o morador ativista reivindica o direito à cidade, quer fazer parte da paisagem urbana:

Nós que somos pobres, nós que somos da periferia, não vamos ter espaço naquele lugar. Você se vê brincando com seus filhos... brincando num parque que foi feito exclusivamente para filhos de filhos da elite? Você não se vê, gente! Os governantes e o poder público, eles tão direcionando as suas prioridades pras pessoas que têm o poder aquisitivo maior e, na verdade, esquecendo o déficit habitacional que existe na cidade do Recife, que já é muito alto e chega hoje em 65 mil habitantes. Aquele terreno que poderia ser direcionado pra pessoa que tá morando na vulnerabilidade... E com que forma que eles fizeram isso? [...] É uma coisa que machuca e fere muito... que você vê que quem tem é que pode, é? Não! E a gente? É um espaço nosso. Nós temos o direito de fazer parte, de construir tudo que vai ser feito. Nós temos direito de fazer parte daquela imagem, daquela cena, daquela paisagem. A gente tem direito de viver, de passar uma tarde, de sentar com nossos filhos. Novo Recife, ele foi feito pra quem tem, pra milionários que podem pagar flats caríssimos. As lojas que vão ter lá é de joias caríssimas, que a gente não pode nem ter um pingente. Isso é absurdo e... não dá para aceitar, nem dá para engolir do poder público que diz que cuida tanto das pessoas. Que cuidado é esse? É um cuidado exclusivo? É um cuidado de quem? Pra quem? Pra quem é esse cuidado? (Ocupe Estelita, 2014).

Seguindo a proposição do YouTube, que se apresenta como uma plataforma do espaço da experiência local, olhamos as formas de uso pelo movimento como maneiras de criar experiências do comum e disputar os sentidos da cidade produzindo uma “batalha de significados” no embate de para quem

e de quem é o espaço urbano. Nessa batalha, os documentários produzidos pelo Ocupe Estelita também evocam especialistas que apontam as irregularidades do projeto Novo Recife. No canal Jacare Vídeo do YouTube, encontramos um vídeo intitulado *O projeto Novo Recife é ilegal?*, com duração de 3 minutos e 29 segundos, publicado em 28 de maio de 2014. Nele, vemos o depoimento da professora de Direito da UFPE, Liana Cirne Lins, que também é ativista do Grupo Direitos Urbanos. Aqui, o emissor é alguém que questiona a legalidade do que vem acontecendo na cidade:

São inúmeras as ilegalidades do projeto Novo Recife e do processo administrativo que tramita junto à prefeitura do Recife. [...] não é possível ter um projeto se o solo ainda não foi parcelado, se ainda não foram criadas quadras, se ainda não foram definidas quais serão as vias públicas etc. O projeto previsto pelo consórcio Novo Recife cria cinco mil vagas de estacionamento, o que significa uma fila de carros da área do Cais José Estelita até o final da Avenida Norte, e isso sem estudo de impacto de vizinhança, gerando, portanto, um impacto extremamente negativo na qualidade de vida do recifense. Também não foi realizado estudo de impacto ambiental... e esse empreendimento é um empreendimento que vai destruir a paisagem e o patrimônio histórico, ele é de enorme dimensão e, portanto, o estudo de impacto ambiental também deveria ser realizado. (Jacare Vídeo, 2014b).

Outro vídeo atravessado por relatos que esclarecem as razões das ações de ativismo, e um exemplo dos impactos no cotidiano que causam os transtornos urbanos para a cidade como um todo, é o *Salve o Estelita, com direito a Rolezão no Shopping RioMar*, postado no canal Ocupe Estelita no YouTube em 7 de maio de 2015, com duração de 9 minutos e 59 segundos. Os grupos ligados ao Estelita propõem dar visibilidade à desigualdade de usos da cidade por meio de uma manifestação em um shopping de Recife, com o propósito de chamar atenção das elites da cidade para o que está acontecendo na região do cais. As classes populares só o frequentam para o trabalho, poucos tem recursos para o consumo nesses locais. O movimento queria demonstrar que, às vezes, o trânsito de um popular no lugar causa espanto, quando ele não é vítima de preconceito por parte dos seguranças, que se aproximam para averiguação. Para os ativistas, um “rolé” no shopping também chama à reflexão sobre a ameaça constante de antigos espaços de lazer e socialização na cidade, onde a cultura popular possa se manifestar livre e gratuitamente.

Esse povo irrita! Esse povo irrita! [cantando com os manifestantes] Vamos lutar e ocupar nosso Cais José Estelita! Precisamos de espaços para nossa cultura popular, nos espaços do nosso povo não pode privatizar, queremos sombras de árvores e não de prédios gigantes, a nossa Veneza é brasileira, nossa luta, ela é constante, a nossa Constituição é ferida mais uma vez, pois quem financia os políticos? Para eles, não funcionam as leis, basta de batalhão de choque, spray de pimenta e bomba de efeito moral, a corrupção é constante no Congresso Nacional. Ocupe Estelita! Somos do bem e não somos do mal. Ocupe Coelho! Ocupe Coque! Ocupe Santo Amaro!, Ocupe Brasília Teimosa! Ocupe todas as comunidades que está sendo atingida pelo sistema imobiliário de empresários, empreiteiros e políticos na cidade e na capital de Recife.[...] Axé! Resiste, Estelita! (Ocupe Estelita, 2015).

A gente tá parando acidade justamente para ela não ficar parada ainda mais do que já esteve nos últimos três anos. Todo mundo tem visto, certo? Que as obras conduzidas por essa prefeitura têm deixado a cidade cada vez mais com engarrafamentos e o projeto Novo Recife, com a quantidade de carros – que são mais de cinco mil – que eles tão prevendo [...] vai tornar a vida de quem mora aqui no Centro, de quem precisa chegar no metrô, de quem precisa chegar no Cais de Santa Rita, ainda pior! [...] a gente precisa acordar! (Ocupe Estelita, 2015).

Ao final dessa fala, queremos destacar o significado de “parar a cidade”: o relato fala de questões amplas, da mobilidade urbana, do direito à cidade. Procura explicitar os processos de exclusão e aponta para possibilidades de resistência. Procurar moradia perto do trabalho significa lutar por não ir morar nas periferias, nas cidades “dormitórios” distantes, onde muitas vezes dobra-se o tempo de transporte até o emprego. Este vídeo explicita a disputa de propostas de cidade ligadas ao movimento, que espaços querem ocupar e como transformá-la. Em uma das postagens do movimento em sua página do Facebook, está destacada a proposição de David Harvey:

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora [...]. Além disso é mais um direito coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. (Harvey, 2014, p. 28).

O direito à cidade como uma forma de politizar a vida cotidiana, borrando as fronteiras entre o público e o privado, procurando alterar os formatos da cultura hegemônica. Um direito que fica mais claro quando se conta a história da resistência ao projeto Novo Recife, sintetizado em um breve relato do significado do Ocupe Estelita. A fala de Mateus Alves no vídeo *O “Novo” Recife é um projeto que integra a cidade?* (Jacare Vídeo, 2014a) traduz a disputa pela cidade no sentido da necessidade de transformação das forças que impedem o passado de permanecer. O vídeo procura enquadrar outras memórias. Como afirma Pollak (1989), há uma disputa entre a memória oficial e as memórias subterrâneas que agora saltam à tela e “uma vez rompido o tabu, uma vez que as *memórias subterrâneas* consigam invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis, se acoplam a essa *disputa da memória*” (Pollak, 1989, p. 5, grifos nossos). No vídeo, que foi publicado em 29 de maio de 2014, no canal Jacare Vídeo, do YouTube, com duração de 2 minutos e 41 segundos, Mateus conta:

Tô ocupando aqui esse espaço junto com o pessoal desde o princípio... desde quando o consórcio Novo Recife iniciou uma demolição ilegal aqui dos armazéns e a gente não viu outra solução para lutar por isso aqui a não ser ocupar. A gente tá contando com a ajuda de várias pessoas de diversas lutas e etc. e tá sendo bem interessante. o convívio aqui. O que eu vejo é essa coisa do abismo social [...] os ricos, cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. [...] o centro da cidade é de todo mundo, não pode ter um uso particular, para interesse de uma construtora, por exemplo. [...] tantos bairros aqui por perto que teve gente que foi despejada, que tá morando na rua mesmo, e o que a turma faz num projeto como esseé simplesmente passar por cima da opinião pública, inclusive, e acha que pode, só porque tem dinheiro, acha que pode comprar o terreno e construir torres aqui do jeito que quiser, enquanto que isso aqui é de interesse para população toda e ter um impacto pra todo mundo, principalmente quem mora aqui ao redor, pessoal mais desfavorecido etc. Por isso que eu acho queé muito importante manter isso aqui e rediscutir o que fazer com essa área, porque, se não... Isso aqui é como se fosse abrir uma porta para um futuro talvez tenebroso, assim, porque aqui como é uma região central, tudo, a cidade tá logo ali, e quem sabe o que pode acontecer, com a cidade, com a vida sua, com o Coque, com Brasília Teimosa... A gente não pode simplesmente passar o rodo, como quer, não existe isso. [...] eu acho um absurdo! (Jacare Vídeo, 2014a).

Mateus explicita também o significado simbólico de destruir o cais, a história, o patrimônio, pois, em sua opinião, a cidade é de todos e tudo deve ser decidido com transparência, democraticamente. Mateus reivindica o valor coletivo do cais. Para ele, a perda da experiência do lugar é o ponto inicial para transformar Estelita em um espaço de contestação. A possibilidade de transmissão em tempo real e da gravação de um vídeo-ação no local da manifestação traçou um paralelo entre as formas de ativismo para Ivan Moraes Filho, que também fala da participação de mulheres, crianças, de pessoas que costumam ser “ativistas de sofá”, só na internet, mas que também saíram de casa para protestar e lutar pelo Cais Estelita. O vídeo, com duração de 1 minuto e 27 segundos, foi postado pelo Ocupe Estelita em 15 de abril de 2012, no canal do YouTube de Otavio Luiz Machado:

Bom, galera, tô chegando aqui no Cais da Estelita para protestar contra o projeto Novo Recife, é uma mobilização que foi feita principalmente pela internet, pessoal do Facebook chegou com força aí, é pra dizer que não quer que sejam feitas grandes torres pra ocupar todo o cais. A gente sabe que esse cais tem que ser ocupado pelas pessoas e qualquer obra que for feita aí tem que levar em conta o direito que todo mundo tem à cidade. Mas o mais bacana que a gente vê hoje é a quantidade de gente, muito grande, que poucas vezes vão à rua protestar, né? Os ativistas de sofá, os militantes na internet, resolveram sair de casa e mostrar que eles também existem e que também podem ter voz. [...] É muito importante essa camada da população, esse segmento da população que tem, cada vez mais, um discernimento muito grande com relação aos direitos humanos, à realidade em geral, que ela passe a agir politicamente também. Agir politicamente tanto nas redes sociais, como no mundo de verdade, né? (Otavio Luiz Machado, 2012a).

Em outro depoimento, de Marco Mondaini, fica clara a contradição entre democracia e mercado, e reforça-se o sentido da ação do Ocupe Estelita em vídeo postado pelo próprio grupo, em 15 de abril de 2012, com duração de 2 minutos e 15 segundos, no canal do YouTube de Otavio Luiz Machado:

Nunca foi tão clara a contradição entre a democracia e o mercado. Se existe um partido de Wall Street e os Estados Unidos e que deu origem ao movimento Occupy Wall Street, aqui existe, em Recife, um partido da Moura Dubeux e da Queiroz Galvão, que representa exatamente essa antítese em

relação à realização da democracia. E falar de democracia é falar de ocupação do espaço público. Isso que a gente tá tendo aqui hoje é exatamente a ocupação do espaço público, é o resgate da ideia de democracia dos antigos, da Grécia Antiga, e tá fazendo muita falta à oxigenação da democracia brasileira. As artérias da democracia brasileira se encontram hoje entupidas. Fazer movimentos como esse aqui, de ocupação do espaço público, representa a possibilidade de construção de uma democracia que vá além da democracia parlamentar, da representação. Isso se chama democracia participativa. [...]isso aqui hoje representa a possibilidade concreta de luta contra o mercado [...].(Otavio Luiz Machado, 2012b).

Ocupe Estelita se torna um espaço de contestação no sentido usado por Low (1999) quando analisa processos de espacialização de conflitos e resistências a tentativas de controle de determinados espaços urbanos. Estelita é um lugar que surge do conflito, da oposição, do confronto de onde acontecem as ocupações, as grafitegens, os vídeos e os documentários, as festas e os eventos de rua. Da contestação surge a criação de um novo espaço onde se quer a continuidade da ideia de cidade-progresso como sendo a ação de destruir para construir o novo.

Espaços que não surgem da contestação podem nascer da resistência ao abandono ou aos formatos de revitalização que já foram implementados em outros lugares da cidade. Também as memórias do lugar são o impulso das ações do Renovar a Mouraria, de Lisboa, outro movimento – em outra cidade portuária – que documenta sua experiência nas redes sociais da internet, e faz do YouTube um verdadeiro arquivo do surgimento e das ações já realizadas desde sua criação. Em 23 de agosto de 2011, o canal Memoriamedia, do YouTube, publicou uma entrevista, com duração de 15 minutos e 15 segundos, que bem ilustra o uso das novas tecnologias virtuais como lugar de memória do ativismo lisboeta. Inês Andrade relata como tudo começou:

Há cerca de três anos e alguns meses, eu e Nuno, que somos moradores aqui do bairro, decidimos que havia necessidade de fazermos alguma coisa diferente, alguma coisa que projetasse este bairro, que lhe desse uma vida nova e começamos por criar um movimento informal que se chamava Movimento Renovar a Mouraria, que depois, alguns poucos dias depois, acabou por ser formalizada em associação. [...] e, assim, duma forma quase... não sei bem como, como é que ocorreu, mas houve um *boom* de interesse de várias

entidades, de várias pessoas, de vários pesquisadores que aderiram muito rapidamente ao projeto. Nomeadamente a Câmara Municipal de Lisboa, que... a quem nós estávamos a preparar uma petição exigindo de fato uma intervenção no bairro, e a Câmara mostrou-se muito disponível para participar neste... também neste projeto de reabilitação geral, que não é uma reabilitação apenas urbanística, né, mas uma reabilitação global, que fosse reabilitar culturalmente, socialmente, enfim, dar uma vida a um bairro que estava esquecido. [...] a associação fez três anos agora em março passado, já conseguimos ter agora esse espaço a que chamamos Edifício Manifesto [...], e em que procuramos que o conceito de reabilitação arquitetônica fosse um conceito mais alargado, unindo a reabilitação urbana com a reabilitação social e cultural, e é isso que pretendemos que seja aqui este edifício, que acabou por depois de Edifício Manifesto passar a chamar-se A Casa Comunitária [...]. (Memoriamedia, 2011).

O outro fundador, Nuno, também relata sobre a questão da diversidade cultural do bairro e como isso está presente nas ações realizadas pelo Renovar a Mouraria, no mesmo vídeo:

Eu acho que a grande riqueza da Mouraria é exatamente esta multiculturalidade. São cerca de 52 etnias diferentes [...]. E de fato, acho que o futuro, não só deste bairro, mas também do mundo inteiro, é realmente a grande celebração que é o vivermos todos em conjunto e o podermos constituir e fazer uma sociedade um pouco diferente: mais homogênea e cada vez mais virada para a defesa dos direitos humanos. [...]. Nós queremos que este bairro revitalize em todos os aspectos e que as pessoas comecem a perceber que este é um bairro seguro, que é um bairro agradável, que é talvez o bairro mais agradável da cidade de Lisboa, mas que foi sempre sendo esquecido ao longo de séculos, e por isso temos trabalhado, e tivemos também a sorte não só de nos conhecermos e de partilharmos desta vontade, mas também de encontrarmos uma série de pessoas que têm uma grande vontade de mudar a face deste bairro, mantendo as tradições, mantendo as vivências e mantendo realmente esta multiculturalidade no seu todo. [...] e penso que essa multiculturalidade, com o tempo, há de surgir naturalmente, e há de se expor naturalmente aos olhos dos próprios autóctones, dos próprios portugueses. (Memoriamedia, 2011).

Tanto Inês quanto Nuno falam muito da experiência da imigração. O significado de receber pessoas vindas de todos os cantos do mundo, a diferença, a riqueza cultural, mas também as dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro Mouraria:

[Inês] – Também tem a ver com [...] a imigração, que é: inicialmente as pessoas, quando migram, vão muito concentradas num modo de ganhar a vida, né? Vêm trabalhar, trabalhar, trabalhar e esquecem um pouco as vidas pessoais e as partes artísticas, e isso pouco a pouco acaba por começar a brotar quando as pessoas estão mais integradas, quando já se sentem parte do território, e esse tipo de manifestações aparece. [...].

[Nuno] – [...] e essa é a grande riqueza deste bairro, é as pessoas começarem a pouco e pouco a perceber que o outro é igual a eles próprios, portanto não há ‘o outro e ‘nós’. Não, somos todos iguais, é um chavão, mas é verdade, e estamos todos aqui no mesmo bairro e vivemos todos aqui, e portanto temos que começar a perceber que temos que viver todos juntos e que não pode haver divisões.

[Inês] – Que temos e, mais do que isso, que é bom, e que nós temos a ganhar com isso. Temos de deixar de ser, temos que deixar de ver esta partilha do espaço como algo que nos é imposto – ‘Oh, sim, somos obrigados a viver com eles’ – e isso tem que passar a ser algo que as pessoas vejam como positivo. E tem de se conquistar pouco a pouco essa mentalidade; esse fechamento ao outro, pouco a pouco, acaba por esvaír-se, porque vamos perceber o quanto todos temos a ganhar em conhecer as diferenças. (Memoriamedia, 2011).

Os fundadores e outros ativistas também relatam sobre suas atividades e projetos no vídeo de 2 de abril de 2011, publicado no canal DFNN1991, do YouTube, com duração de 5 minutos e 12 segundos:

[Nuno] – O bairro precisa de tudo. Em relação às nossas atividades, temos portanto os seis projetos do plano Queremos a Mouraria, que são seis projetos muito interessantes. Um deles é um jornal que é o *Rosa Maria*, e o festival ‘Há Mundos na Mouraria’, uma edição de um CD de fado sobre a Mouraria, um livro de gastronomia sobre a Mouraria [...]. [...].

[Paulo] – A Mouraria neste momento encontra-se fora dos circuitos turísticos da cidade, os turistas eventualmente passam por aqui para irem ao

Castelo de São Jorge, e... Os turistas internacionais, os turistas portugueses também, as pessoas que residem em Lisboa não vêm visitar a Mouraria porque a Mouraria é um bairro estigmatizado, não é? Mas, se formos ver, a Mouraria tem 900 anos de história, tem uma história muito longa, e depois, tem um potencial de patrimônio também muito grande. [...] Do percurso, podemos falar, posso destacar realmente os dois monumentos classificados como monumento nacional, ou seja, o Arco Manuel da Rua da Mouraria, posso destacar também os azulejos do século XVII que existem no Colégio dos Meninos Órfãos, também na Rua da Mouraria, o Colegiinho, SantAntão Velho, mas principalmente, destaco realmente as pessoas do bairro. (DFNN1991, 2011).

Dando sentido à vida na comunidade, no bairro, incentivando o respeito às diferenças, o ativismo lisboeta vai colocando a cultura em primeiro lugar, impedindo outros tipos de renovação urbana que, ao proporcionar processos de gentrificação do bairro, poderiam excluir de lá os imigrantes, as classes trabalhadoras mais pobres.

Considerações finais

Vimos dois tipos de resistência urbana num movimento de mundialização dos protestos e novas formas de ação coletiva.

[...] é comum entre esses ‘novos’ movimentos o papel das redes sociais na comunicação e visibilidade, servindo de ferramentas de organização, mobilização e difusão dos protestos. [...] O espaço cibernético e o espaço urbano interagem mutuamente, e as redes oferecem a oportunidade para pessoas que nunca se movimentaram nesse sentido de participar do processo. (Silva; Ziviani, 2014, p. 77).

Ao longo deste estudo observamos o ativismo urbano como forma de ocupação e defesa da cidade e das experiências de seus habitantes na luta pela preservação de patrimônios edificados e culturais.

O Cais Estelita trata da contestação de um espaço que promete o novo a partir da destruição do que existe no lugar. Renovar a Mouraria que quer discutir os usos do bairro em sua intensa mudança, a partir das várias formas

de habitar o lugar. O Estelita resiste à destruição da paisagem da cidade contra o Novo Recife, e a Mouraria, se apresenta a partir de uma intensa diversidade cultural que historicamente é a marca local. Os dois lugares, ameaçados pelas propostas de revitalizar a cidade, acabam por reinventar o urbano a partir da dinâmica histórica de cada um. Uma arma poderosa de reinvenção da história local é a produção audiovisual, com que se evoca os conflitos locais, a diversidade da ocupação, a multiplicidade de tempos e espaços que seriam destruídos pelos projetos de revitalização desses espaços.

Essas ações coletivas continuam em suas lutas cotidianas pelo direito à cidade, reivindicando seu espaço e buscando a cidadania que vem sendo ameaçada por projetos que tendem a beneficiar somente as elites e os donos do capital, principais responsáveis – mundialmente – pela implementação de projetos de “revitalização” e reformas urbanas, construindo grandes empreendimentos, condomínios de luxo, vias que privilegiam a circulação de automóveis e não de pedestres, provocando a remoção de comunidades inteiras em benefício de poucos e, ainda, em nome do progresso. Em nome de uma proposta de desenvolvimento, vão destruindo a paisagem ou a “limpando” para que a especulação imobiliária valorize as áreas, que passam por um processo de gentrificação, expulsando os moradores locais.

Por outro lado, criam-se “espaços de esperança”, pois a natureza da ação coletiva manifestada em protestos recentes no Brasil e pelo mundo tem transformado o padrão convencional de organização, e passamos a verificar novas formas de atuação, menos institucionalizadas, sem lideranças definidas, com estruturas menos hierarquizadas e mobilizações autoconvocadas.

Os audiovisuais, especificamente nos casos do Ocupe Estelita e Renovar a Mouraria, nos mostram a relação desse ativismo coletivo com a memória. Eles apresentam indícios acerca da produção de memória sobre esse fenômeno recente de proliferação de grupos ativistas e permitem a verificação da importância das fontes orais na construção dos arquivos dos movimentos sociais contemporâneos, bem como tornam-se fonte inesgotável para o historiador que procure compreender as novas mídias no processo de criação de uma história pública e participativa.

Referências

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMPANS, Rose. *Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*. São Paulo: Editora Unesp; Anpur, 2004.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CICCO, Juan. YouTube: el archivo audiovisual de la memoria colectiva. *Ciencia y Tecnología*, Buenos Aires, n. 8, p. 29-36, 2008. Disponível em: <<http://www.palermo.edu/ingenieria/downloads/pdfwebc&T8/8CyT06.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DELGADO, Manuel. Artivismo y pospolítica: sobre la estetización de las luchas sociales en contextos urbanos. *Quaderns-e*, Barcelona, v. 18, n. 2, p. 68-80, 2013.

DFNN1991 [canal]. Renovar a Mouraria – E2 [vídeo]. *You Tube*, 2 abr. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PxN4T6ArBiY>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. O direito à cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul./dez. 2012a.

_____. *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*. London; New York: Verso, 2012b.

HUYSEN, Andreas. *Memórias do modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

JACARE VÍDEO [canal]. #ocupeestelita – O “Novo” Recife é um projeto que integra a cidade? [vídeo]. *You Tube*, 29 maio 2014a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V7gGV8HXJos>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

_____. Ocupe Estelita – O projeto Novo Recife é ilegal? [vídeo]. *You Tube*, 28 maio 2014b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g-tl0N7t5uc>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

JACOBS, Jane. *The death and life of great american cities*. New York: Random House; Vintage, 1961.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri; Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

LOW, Setha (Ed.). *Theorizing the city: the new urban anthropology reader*. London: Rutgers University Press, 1999.

MAIA, Andréa Casa Nova; PEREIRA, Valnei. Belo Horizonte em três tempos: projetos em perspectiva comparada. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-16, jun. 2009.

MEMORIAMEDIA [canal]. A Associação Renovar a Mouraria [vídeo]. *YouTube*, 23 set. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bcM1VMehjLI>>. Acesso em: 16 set. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OCUPE ESTELITA [canal]. Recife, cidade roubada [vídeo]. *YouTube*, 18 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk&t=610s>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

_____. Salve o Estelita, com direito a Roleção no Shopping RioMar [vídeo]. *YouTube*, 7 maio 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ev_33udlgXU>. Acesso em: 16 dez. 2017.

OTAVIO LUIZ MACHADO [canal]. a Ocupe Estelita Recife 15 ab 2012 Depoimento Ivan Moraes Filho [vídeo]. *YouTube*, 16 abr. 2012a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4IgL2v_vFWU>. Acesso em: 16 dez. 2017.

_____. Ocupe Estelita Recife 15 ab 2012 Depoimento Marco Mondaini [vídeo]. *YouTube*, 16 abr. 2012b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d56FcqpMeNw>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val Chiana: mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 103-130.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Geo-grafias: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad*. México: Siglo XXI, 2001.

ROSA MARIA: jornal da Mouraria. Lisboa: Associação Renovar a Mouraria, 2010-2015.

SASSEN, Saskia. La ciudad global: los nuevos contextos ocupacionales y el fenómeno de las pandillas. In: CIAPPI, Silvio (Ed.). *Periferias del imperio: poderes globales y control social*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2016.

SILVA, Regina Helena Alves; ZIVIANI, Paula. A Copa do Mundo e as Cidades: “juntos num só ritmo”, #sóquenão. *Revista USP*, São Paulo, n. 102, p. 69-81, jun./ago. 2014.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvère. *Amanecer crepuscular*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

Resumo: O artigo analisa a construção de memória por meio da internet, sobretudo com vídeos disponibilizados no YouTube, realizada por dois movimentos de luta pelo direito à cidade e à moradia. Pretende discutir a relação entre memória e espaço urbano através das fontes audiovisuais produzidas pelos movimentos Ocupe Estelita (Recife) e Renovar a Mouraria (Lisboa), compreendendo as singularidades e as semelhanças em relação aos conflitos e disputas pela história da cidade capitalista. Considera-se que os vídeos são relatos do espaço, pílulas de história oral, história pública produzida pelos próprios ativistas dos movimentos sociais. Nos apoiamos principalmente nas reflexões sobre memória, cidade e cotidiano desenvolvidas por Michel de Certeau, Pierre Nora, Andreas Huyssen e David Harvey.

Palavras-chave: Ativismo contemporâneo. História urbana. Moradia. Fontes audiovisuais. Ocupe Estelita. Renovar a Mouraria.

Public memory and activism: stories of struggle of Occupy Estelita (Ocupe Estelita – Recife, Brazil) and Renovate Mouraria (Renovar a Mouraria – Lisbon, Portugal)

Abstract: The article analyzes the construction of memory through the internet carried out by two movements fighting for the right to the city and housing, especially with videos made available on YouTube. It intends to discuss the relationship between memory and urban space through audiovisual sources produced by Occupy Estelita (Recife) and Renovate Mouraria (Lisbon), understanding the singularities and differences of each movement in relation to the conflicts and disputes around the history of the capitalist city. It is considered that the videos are reports of space, oral history pills, public history produced by the social movement activists themselves. We rely mainly on the reflections about memory, city and daily life developed by Michel de Certeau, Pierre Nora, Andreas Huyssen and David Harvey.

Keywords: Contemporary activism. Urban history. Housing. Audiovisual sources. Occupy Estelita. Renovate Mouraria.

Recebido em 15/08/2017

Aprovado em 24/10/2017